

Teatro

30 de maio a 2 de junho 2013

Sou o Vento

de Jon Fosse. Encenação e interpretação
de Diogo Dória e Manuel Wiborg

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Texto Jon Fosse (*Eg er vinden*, 2007) **Tradutor** Pedro Porto Fernandes
Atores e encenadores Diogo Dória, Manuel Wiborg **Cenografia** João Queiroz, Elsa Bruxelas
Luz Jorge Ribeiro **Produção** Manuel Wiborg **Coprodução** Manuel Wiborg, Culturgest
Agradecimentos Jorge Silva Melo, Pedro Porto Fernandes, Nuno Colaço, Filipa Camacho
 (assistência à cenografia/carpintaria) **Apoios** Embaixada da Noruega, Robbialac

De qui 30 de maio a dom 2 de junho
 21h30 (domingo às 17h) · Palco do Grande Auditório · Dur. aprox. 55 min · M16

Eu não queria, mas foi o que eu fiz

Resolvi morrer. E ninguém negará que é a mais forte das decisões.

Fedra no *Hipólito* de Eurípides

“Comecei a escrever tentando fazer uma espécie de música... poucas palavras, repetições, variações, silêncios.” Assim resumia o autor o seu estilo na revista dos Artistas Unidos no ano 2000. Jon Fosse trabalha o ritmo da linguagem com repetições onde vai introduzindo *nuances* e acrescentando informação, como quem constrói um caminho. Fala da necessidade de fazer ouvir a voz da escrita silenciada na mera troca verbal. Daí a importância das pausas, muitas vezes indicadas no fim da fala. Fosse escreve para que o anjo possa passar.

A poética de Fosse remete-nos para um mundo trágico. O modo como o autor trata o tempo sob a forma cíclica, confundindo o fim e o princípio, acentua uma ideia de não progressão, de imobilidade. A voz de Um marcada pelo irremediável e pelo inconciliável (categorias do trágico) caminha inexoravelmente para a morte afirmando a vida na própria morte, como na tragédia clássica. Também a narração da catástrofe feita no final nos reconduz à figura do Mensageiro na tragédia.

O nosso maior desafio foi encontrar o tom justo para estes diálogos reiterativos semeados de inúmeros sins e não, em que as ações descritas são apenas sugeridas.

As duas personagens/vozes de *Sou o Vento* confrontam-se com medos diferentes, opõem-se como um conflito

interno de uma mesma pessoa. Um diálogo em que a tentativa subtil de domínio impossível de um sobre o outro nos apresenta um quadro de melancolia.

Fosse situa-nos num mar onde tudo é vazio e instável. Um barco como espaço habitado de onde se avistam ilhas e recifes com terra firme para onde voluntariamente não se caminha. Procurámos um mar numa pintura, cujo movimento interno correspondesse aos silêncios do texto cheios de tortuosos caminhos. Fechámo-nos num espaço abstrato descobrindo Um quem era o Outro, sentindo tratar-se de duas partes do mesmo que se completam, apenas vozes e não personagens. Perdemo-nos às voltas no tempo (e no texto) fechados dentro de nós.

Na procura da verdade de um texto labiríntico, assente em espaços abstratos em substituição do real ou da imitação do real, surge uma força invulgar que nos absorve e nos mantém na distância do espectador e ao mesmo tempo nos transporta para um registo da nossa emoção, obrigando-nos a enquadrar uma linguagem diferente. A dinâmica não é linear, existindo momentos mais intensos num movimento semelhante a insetos esvoaçando em círculos cruzados que se arriscam sem nunca se afastarem ou aproximarem demasiado, em vias de colidir a cada momento.

Diogo Dória



Jon Fosse

Jon Fosse nasceu em 1959 em Haugesund, no Oeste da Noruega. Vive em Bergen. Escreve em novo norueguês, língua obrigatória nas escolas mas só falada nessa região. Estreou-se na literatura em 1983, tendo publicado cerca de quinze livros antes de chegar ao teatro: romance, poesia, ensaios, novelas e livros para crianças. O seu primeiro texto para o teatro foi escrito em 1994. As suas obras foram traduzidas em mais de quarenta idiomas. É amplamente considerado um dos maiores dramaturgos contemporâneos.

Jon Fosse foi feito cavaleiro da Ordre National du Mérite de França em 2007. Foi também classificado como número 83 na lista dos 100 maiores génios vivos pelo *Daily Telegraph*. Foi vencedor dos prémios: Nynorsk (1988 e de novo em 2003); Aschehoug (1997); Dobloug (1999); Norsk Kulturråds (2003); Brage (2005); Academia Sueca (2007); e em 2010 foi-lhe concedido o prestigiado Prémio Ibsen. Desde 2011, foi-lhe concedido o Grotten, uma residência honorária pertença do estado norueguês e localizada nas instalações do Palácio Real, no centro da cidade de Oslo (o Grotten é uma honra especial

outorgada pelo Rei da Noruega para recompensar contribuições às artes e cultura norueguesas).

As suas peças começaram a circular no final dos anos 90, tendo sido representadas na Noruega e no estrangeiro, dirigidas por encenadores como Gunnel Lindblom, Claude Régy, Jacques Lassale, Thomas Ostermeier, Barbara Frey, Katie Mitchell ou Patrice Chéreau que, em 2011, dirigiu *Sonho de Outono* e *Sou o Vento*.

É autor de *E Nunca nos Separação* (1994), *O Nome* (1995), *Vai Vir Alguém* (1996), *A Criança* (1997), *Mãe e Criança* (1997), *O Filho* (1997), *A Noite Canta os Seus Cantos* (1998), *Um Dia de Verão* (1998), *Sonho de Outono* (1999), *Quando a Luz Baixa e Fica Escuro* (1999), *Dorme, Meu Menino* (1999), *Visitas* (2000), *Inverno* (2000), *Variações Sobre a Morte* (2001), *A Rapariga no Sofá* (2002), *Lilás* (2002), *Os Cães Mortos* (2003), *Suzannah* (2004), *Sa ka la* (2004), *Quente* (2005), *Sono* (2005), *Rambuku* (2006), *Sombras* (2006), *Sou o Vento* (2007), *Morte em Tebas* (2008), entre outras.

Foi apresentado ao público português pelos Artistas Unidos, que o têm traduzido, representado e publicado. Esteve em Lisboa em 2000, aquando da estreia de *Vai Vir Alguém* n'A Capital e em 2001 para assistir a *Sonho de Outono*. Voltou em 2009, por ocasião da visita oficial dos Reis da Noruega, para assistir à leitura de *Sou o Vento* (por Manuel Wiborg e Pedro Lima).

Diogo Dória

Diogo Dória estreou-se como ator em 1975, tendo desde então trabalhado com encenadores como Luís Miguel Cintra, Christine Laurent, José Luis Gómez, Solveig Nordlund, Dominique Ducos. No cinema participou em filmes de João César Monteiro, João Botelho, João Canijo, Jorge Silva Melo, Raoul Ruiz, Wim Wenders e Manoel de Oliveira (com quem já colaborou por 14 vezes). Dirigiu vários espetáculos, nomeadamente com textos de Samuel Beckett, Nathalie Sarraute, Robert Pinget e Almeida Faria. Na Culturgest encenou *Sete Contra Tebas* de Ésquilo em 2007. É coordenador e professor do Curso de Teatro da ESAD das Caldas da Rainha.

Manuel Wiborg

Manuel Wiborg interpretou no teatro textos de Abel Neves, Joyce Carol Oates, Jorge Silva Melo, Miller, Shakespeare, Brecht, Müller, Pinter e Strindberg, entre outros. Trabalhou com os encenadores José Peixoto, Rogério de Carvalho, Artur Ramos, Jean Jourdeuil e Jorge Silva Melo. Fundou a Actores Produtores Associados, onde encenou Jacinto Lucas Pires, José Maria Vieira Mendes, Gonçalo M. Tavares, Pinter, Strindberg e Biljana Srbljanovic. No cinema trabalhou com Manuel Mozes, Jorge Pinto, Jacinto Lucas Pires, Jorge Queiroga, Fernando Vendrell, António Cunha Telles, António Campos e Jorge Silva Melo (Prémio Dunkerque 1993). Na Culturgest encenou *As Regras da Atracção* (Prémio Ribeiro da Fonte

2001), *Vou lá Visitar Pastores* (2004) e *Uma Laranja Mecânica* (2006). Em televisão participou em diversas novelas, telefilmes e séries, sendo as mais recentes *Conta-me Como Foi* (RTP1) e *Laços de Sangue* (SIC). É autor da peça *O Amante de Ninguém* (a partir de textos de Dostoiévski) publicada na Cotovia.

Elsa Bruxelas

Elsa Bruxelas nasceu em 1959. Com formação em artes plásticas e música, tem participado em várias exposições com obras em gravura e vídeo. Realizou os filmes de curta-metragem e videoarte *Duas Pernas e um Sopro* (2011), *Tudo Continua Até ao Dia em que Pára* (2007); *História Desgraçada* (2006), *A Drogaria* (2001, Prémio Melhor Curta-metragem Nacional, FICA), *O Homem Do Comboio* (1997, Prémio Cottinelli Telmo para o melhor filme da competição nacional, Festival de Cinema de Vila do Conde), entre outros. Colabora como cenógrafa e assistente de encenação nos projetos de Diogo Dória desde 1984.

João Queiroz

João Queiroz nasceu em Lisboa, em 1957. Vive e trabalha em Lisboa. Licenciou-se em Filosofia, em 1984, pela Faculdade de Letras de Lisboa. Foi docente de Desenho, Pintura e Teoria de Arte no Ar.Co, entre 1989 e 2001. Realizou numerosas exposições individuais, sendo as mais recentes *Silvae* (Culturgest, 2010), *A Curva do Rio* (Galeria Quadrado Azul, 2011) e *Afinal*

Era uma Borboleta (Museu da Cidade, 2012). Participou em numerosas exposições coletivas desde 1981. Recebeu o Prémio EDP de Desenho em 2000 e foi distinguido com o Prémio AICA 2011 (Associação Internacional da Crítica de Arte). Está representado em diversas coleções públicas e privadas, nomeadamente: Coleção da Caixa Geral de Depósitos, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação EDP, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna, Ar.Co, Coleção António Cachola, Coleção MEIAC, Museu de Arte Moderna do Funchal.

Jorge Ribeiro

Jorge Ribeiro iniciou a sua formação teatral no TEUC, enquanto aluno da Licenciatura em Engenharia Eletrotécnica da Universidade de Coimbra. Concebeu o desenho de luz para mais de 100 espetáculos de teatro, dança, ópera e música. Desempenhou as funções de Chefe do Gabinete Técnico do Teatro Académico de Gil Vicente (Coimbra), Diretor Técnico do Teatro Nacional S. João (Porto) e de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003. É Professor Convidado da Academia Contemporânea do Espetáculo (Porto).

Próximo espetáculo

Zanussi 5

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Dom 2 junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M3

Saxofones Kjetil Møster, Eirik Hegdal,
Jørgen Mathisen **Contrabaixo** Per Zanussi
Bateria Gard Nilssen

Não é por acaso que o nome Zanussi 5 nos remete para os Vandermark 5 do outro lado do Atlântico. O quinteto do contrabaixista italo-norueguês Per Zanussi e o quinteto do saxofonista e clarinetista norte-americano Ken Vandermark são duas manifestações de uma mesma causa, a de um jazz afirmativo que deglutiou outras músicas no seu propósito de sintetizar numa só fórmula a condição metropolitana que a sustenta.

Com uma diferença: se Vandermark 5 tem uma óbvia dimensão intelectual, a Zanussi 5 interessa mais fazer a festa, sem desvios de percurso nem subterfúgios expressivos. E com uma arma poderosíssima: a frente de três saxofones com funções multiplicadas entre uníssonos, contrapontos e despiques, mais parecendo todo um naipe de sopros numa orquestra.

A música do grupo norueguês é igualmente complexa e obriga às mesmas

extraordinárias capacidades performativas, mas a regra que lhe assiste está às claras: Zanussi, Møster, Hegdal, Mathisen e Nilssen pretendem, acima de tudo, divertir-se e divertir quem os ouve.

Para tal, servem-se de uma receita de deslumbrante eficácia: melodias que entram no ouvido, uma rítmica sincopante e *groovy* que funciona como um motor de combustão a várias velocidades, improvisações delirantes no seu superior nível de inventividade e espontaneidade, permanente introdução de elementos de absoluta surpresa e até de autoarmadilhamento e, sobretudo, muita alegria.

Tudo isto saído da cabeça de um músico, Per Zanussi, formado no Conservatório de Trondheim e na Academia de Música da Noruega que ganhou nome com a estranha banda de jazz eletrónico Wibutee e com praticamente todas as figuras em destaque da música criativa escandinava, como Arve Henriksen, Martin Kuchen, Frode Gjerstad, Mats Gustafsson, Sten Sandell e Bugge Wesseltorf.

© Jonas J. Tømter



Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Mafalda Munhá

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
